

MANUAL PRÁTICO

AÇÃO FRANCISCLARIANA EM DEFESA DA CASA COMUM



800 anos do Cântico das Criaturas e da Páscoa de São Francisco



Brasília - DF
Junho - 2025

**“Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra
que nos sustenta e governa (...)”**
São Francisco de Assis

"Não podemos deixar que nos roubem o futuro."
Papa Francisco

“Continuem a construir pontes”.
Papa Leão XIV

**“Começemos, irmãs e irmãos, porque agora cabe-nos a nós
devolver e restituir os dons que o Irmão Francisco nos deu”.**
Documento “Um Centenário articulado e
celebrado em vários centenários”

FICHA TÉCNICA

Equipe da Redação do Texto-base

Frei José Francisco de Cássia, OFM
Frei Rodrigo de Castro Amédée Péret, OFM
Maria Zélia Castilho de Souza, OFS
Moema Maria Marques de Miranda, OFS

Equipe da Redação da Proposta da Peregrinação

Fábio José Garcia Paes, Sefras
Frei André Gurzynski, OFM
Frei João Osmar d'Ávila, OFM
Frei Marcelo Toyansk Guimarães, OFMCap

Revisão

Fábio José Garcia Paes, Sefras
Frei Rodrigo de Castro Amédée Péret, OFM
Rômulo Ferreira Pereira, Comunicação CFFB

Arte do Estandarte

Frei Fábio Vasconcelos, OFM

Design do Manual

Washington Lima dos Santos, OFS

Diagramação

Rômulo Ferreira Pereira, Comunicação CFFB

SINFRAJUPE / GT MEIO AMBIENTE COMITÊ OPERATIVO

Doris Vasconcellos, OFS
Fábio José Garcia Paes, SEFRAS
Frei Alex Assunção, OFM - CFFB
Frei André Gurzynski, OFM
Frei Atílio Batistuz, OFM
Frei Gilberto Teixeira, FSMA
Frei João Osmar d'Ávila, OFM
Frei João Paulo Gabriel Mendes de Moraes, OFM
Frei José Francisco de Cássia, OFM
Frei Marcelo Toyansk Guimarães, OFMCap
Frei Marx Rodrigues dos Reis, OFM
Frei Rodrigo de Castro Amédée Péret, OFM

Gilberto Ribeiro, OFS
Irmã Etelvina Moreira de Arruda, IFMDE
Irmã Francisca Pontes Alexandre, IFMDE
Irmã Irdes Guadagnin, IFAP
Irmã Ivonete Paes, IFAP
Irmã Maria Valmeres, IFMDE
Ítalo Kant Marinho Alves, AFES
Jefferson Machado, OFS
Lucas Lins, JUFRA
Maria Zelia Castilho Rogedo, OFS
Moema Maria Marques de Miranda, OFS
Wilson Rocha Fernandes Assis, OFS



SINFRAJUPE

Serviço Inter-Franciscano de Justiça, Paz e
Ecologia

@sinfrajupe

@sinfrajupe.official



Conferência da Família Franciscana do Brasil

cffb.org.br

@cffbnacioanl



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
TEXTO-BASE	
Peregrinação Francisclariana em Defesa da Casa Comum	6
Celebrar a Criação é resistir e cuidar da vida	7
A criação não é mercadoria, é dom de Deus	8
O povo sente na pele a crise climática	9
E o sistema? Finge que resolve, mas empurra o povo pro buraco..	9
A espiritualidade franciscana ajuda a enxergar diferente	10
Não é só rezar, é também lutar: fé com compromisso	11
Um outro jeito de viver já está nascendo	12
O que a gente denuncia	12
O que a gente defende	13
A Terra é nossa parente	13
Tudo está conectado	14
DIRETRIZES PRÁTICAS PARA A PEREGRINAÇÃO	
Sobre o estandarte e símbolo da peregrinação	17
Proposta metodológica	20
Celebração de Acolhida do Estandarte	22
Encontro dos Povos Locais	24
Gestos Concretos	26
Incidência Política	29
Caminhada Peregrina	33
CONCLUSÃO	36

APRESENTAÇÃO

Peregrinar em Defesa da Casa Comum: Inspirados pelo Cântico das Criaturas de São Francisco de Assis

A Família Franciscana Internacional lançou o documento “**2023–2026 – Um Centenário articulado e celebrado em vários centenários**”, convocando mobilizações pelos **800 anos da Regra, do Presépio, dos Estigmas, do Cântico das Criaturas** e da **Páscoa de São Francisco**.

Em **2025**, celebramos os **800 anos do Cântico das Criaturas**, obra-prima de São Francisco que expressa a fraternidade com toda a criação e constitui um marco da espiritualidade ecológica cristã. Nesse hino, Francisco reconhece a presença do amor divino em todas as criaturas — sol, lua, água, vento, terra, fogo. Diante do grave contexto socioambiental atual, sua mensagem ressoa com urgência, chamando-nos a uma profunda **conversão ecológica**.

Peregrinar pela Casa Comum é mais que um ato simbólico: é um gesto de compromisso e esperança. Caminhar juntos, movidos pela fé e pelo cuidado com o planeta, nos reconecta à natureza, aos pobres e à voz de Deus, que continua a falar através da criação.

Nesse espírito, foi lançada a campanha “**Ação Franciscariana em Defesa da Casa Comum**”, uma iniciativa do **SINFRAJUPE**, em parceria com a **CFFB**, que articula ações de espiritualidade, mobilização social e incidência, com **ênfase nos territórios onde há presença franciscana**.

Inspirada pelos **800 anos do Cântico das Criaturas**, pelos **10 anos da Laudato Si'**, e pela proximidade dos **800 anos da Páscoa de São Francisco** (em 2026), a campanha propõe um **caminho de fé, espiritualidade e ação concreta**, vivido nos diversos contextos onde a Família Franciscana atua. Em **2025**, a **Cúpula dos Povos**, durante a **COP30 em Belém do Pará**, será uma das expressões significativas dessa mobilização, mas **não representa seu foco central**. O verdadeiro coração da campanha pulsa **nos territórios do cotidiano**, onde o carisma franciscano se traduz em **presença viva, resistência e cuidado com a realidade local**.

A peregrinação torna-se, assim, um gesto de **fé encarnada e compromisso comunitário**: uma expressão concreta da espiritualidade que se faz ação, despertando consciências, fortalecendo a solidariedade e testemunhando publicamente a urgência de cuidar da Casa Comum com **justiça, responsabilidade e amor**.

A convocação celebrativa deste ciclo culmina com os **800 anos da Páscoa de São Francisco**, em **2026**. O Papa Francisco, na **Laudato Si'**, nos recorda que **o grito da Terra e o grito dos pobres são um só**. Inspirados por São Francisco, quem peregrina hoje se reconhece **irmão e irmã de todas as criaturas**, chamado a **cuidar e proteger a vida**.

Vinde, peregrinas e peregrinos da esperança! A estrada nos chama!

TEXTO-BASE

PEREGRINAÇÃO FRANCISCLARIANA EM DEFESA DA CASA COMUM

PARA ANIMAR A CONFERÊNCIA DA FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

**“Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa Irmã e
Mãe Terra que nos sustenta e governa”**
São Francisco de Assis, Cântico das Criaturas

**No nosso tempo, ainda vemos demasiada discórdia,
demasiadas feridas causadas pelo ódio, pela
violência, pelos preconceitos, pelo medo do diferente;
por um paradigma econômico que explora os
recursos da terra e marginaliza os mais pobres.**
Papa Leão XIV, Homilia da Santa Missa de início do
seu Ministério Petrino. 18 maio 2025

É diante desta realidade, que lançamos este texto que coincide com o início do papado de Leão XIV. Ele nos alerta que a crise ambiental e social do nosso tempo está profundamente enraizada em um paradigma econômico injusto, que prioriza a exploração desenfreada da natureza e provoca exclusão social. Esse sistema gera discórdia, violência, preconceitos e medo do diferente, deixando feridas profundas na terra e no povos, marginalizando os mais pobres. É um chamado urgente à conversão ecológica e à justiça socioambiental.

CELEBRAR A CRIAÇÃO É RESISTIR E CUIDAR DA VIDA

Estamos vivendo um tempo muito especial. Faz 800 anos que São Francisco de Assis cantou o “Cântico das Criaturas” e 10 anos que o Papa Francisco escreveu a encíclica *Laudato Si'*, chamando toda a humanidade a cuidar da Casa Comum.

Nesse espírito, o Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia (SINFRAJUPE) com a Conferência da Família Franciscana do Brasil (CFFB), sentimos que é hora de mudar nossa maneira de viver, rezar e lutar. Precisamos responder ao chamado de Deus para sermos parte da criação, um fio na teia da vida — com coragem, com fé e com compromisso com os pobres e com a Terra.

Hoje a gente vive uma crise que não é pequena nem isolada — é uma crise ampla, global e que mexe com tudo. É uma crise múltipla, onde a pobreza, as mudanças no clima e a instabilidade econômica estão todas conectadas, uma piorando a outra. E isso tudo não é por acaso, não: é resultado de um sistema capitalista que só pensa em lucro, explora os mais pobres, destrói a natureza e o valor da vida em troca do dinheiro.

O Papa Francisco, seguindo os passos de São Francisco de Assis e se inspirando no Cântico das Criaturas, nos alertou pra essa situação. Ele nos chamou a cuidar da Casa Comum e a escutar com o coração o grito dos pobres e o grito da terra (LS 49), que hoje sofrem juntos com as consequências desse sistema que explora, exclui e destrói.

A COP30, sobre o clima, chegando ao Brasil. A COP é um encontro mundial de vários países onde governos de vários se reúnem todo ano para decidir juntos como enfrentar a crise climática e cuidar melhor do planeta.

Com isso aumentam os apelos por justiça climática e pelo reconhecimento dos direitos da natureza. Esse é um momento decisivo. Um tempo de graça e luta. Um chamado para assumir de vez a missão de viver em harmonia com toda a criação, como viveu São Francisco: vendo Deus em tudo, amando os pobres e cuidando com carinho de cada ser da natureza, como se fosse irmão ou irmã.

A CRIAÇÃO NÃO É MERCADORIA, É DOM DE DEUS

A Terra, os rios, os bichos, o ar, as florestas — tudo isso é presente de Deus e não um simples produto ou recurso a ser explorado. Não foram feitos pra gerar lucro, mas pra viver em comunhão com a gente. A Trindade — Pai, Filho e Espírito — criou tudo com amor, e nos confiou esse cuidado. Cada criatura tem valor por si mesma. Até as menores têm um papel importante na grande rede da vida.

Mas o sistema que a gente vive inverte tudo. É um sistema que diz que tudo tem que crescer o tempo todo, custe o que custar. Mas crescer pra quem? Pra muita gente, esse "progresso" só traz mais sofrimento. É o que a gente vê no dia a dia: enquanto uns poucos acumulam riqueza, a maioria luta pra pagar o gás, a luz, a comida. A terra vai sendo tomada pelo agronegócio e seus venenos, os rios poluídos pela mineração, e os bairros pobres são os que mais sofrem com enchentes, calor extremo, falta de água e abandono.

Neste sistema a desigualdade não caiu do céu — ela é fruto da superexploração dos trabalhadores, que precariza os empregos e trata a vida das pessoas como descartável. Quem lucra com isso são os mesmos que se apropriam da natureza como se fosse propriedade privada. Mas a natureza não é coisa separada da gente: a gente é natureza também! Quando desrespeitam a terra, desrespeitam nosso corpo, nossa saúde, nossa dignidade.

O POVO SENTE NA PELE A CRISE CLIMÁTICA

As mudanças do clima não são coisa distante, estão aqui, no nosso cotidiano. É enchente levando casa, roupa, comida. É seca que destrói a plantação, seca poço, racha o chão. É fumaça de queimada cobrindo o céu, deixando o ar pesado, difícil de respirar. E quando o calor aperta, não tem árvore pra fazer sombra, nem ventilador ligado, porque a conta de luz tá pela hora da morte. Quem mais sofre com isso é quem já vive à margem: nas periferias, nos assentamentos, nas favelas, nas comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas. A crise é real: seca, enchente, se repetindo cada vez mais em curtos espaços de tempo, calor demais e água de menos.

A cidade grande parece crescer, mas sem dignidade. Falta esgoto, transporte decente, coleta de lixo, moradia digna. Em muitas comunidades, a água só chega de vez em quando. Tudo isso enquanto empresas e governos seguem fazendo propaganda de “sustentabilidade”, como se tudo estivesse bem. Isso não é justo!

E O SISTEMA?

FINGE QUE RESOLVE, MAS EMPURRA O POVO PRO BURACO

Dizem que vão investir em “energia limpa”, mas continuam tirando minério das montanhas, invadindo terras de comunidades, expulsando famílias, acabando com nascentes. Tudo isso para produzir baterias e ocupando terras com torres eólicas e painéis solares. Falam em “transição energética”, mas a luz segue cara, e os mesmos que mandam continuam lucrando. Energia deveria ser direito de todos, com as decisões de acesso nas mãos do povo, não privilégio de quem pode pagar caro.

Tem gente sendo forçada a sair do seu lugar, migrar, por causa da seca, da fome, da violência, da destruição ambiental ou porque chegou uma obra “desenvolvimentista” que promete progresso, mas

traz despejo. É o povo sendo empurrado da roça pra cidade, da cidade pro barranco, do barranco pro risco. É um ciclo de sofrimento que atinge os mais pobres e protege os interesses de quem lucra com a destruição, com a terra cada vez mais ferida. Esse ciclo se espalha e vira um processo de migração forçada que ultrapassa fronteiras, empurrando famílias inteiras pra longe de sua terra, rumo a outros países, outras regiões do mundo — tudo isso por causa da pobreza, da fome, da guerra, da crise climática e da ganância que destrói a vida.

Esse sistema explora quem trabalha, expulsa quem cuida da terra, e ainda destrói a natureza. Mas o povo não é bobo. Muita gente já entendeu que o que precisamos não é trocar o nome do problema, nem pintar a economia com o nome de verde, mas que continua suja. O que precisamos não é falar de economia verde, mas é mudar o jeito de viver.

A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA AJUDA A ENXERGAR DIFERENTE

A espiritualidade franciscana nos ensina que a criação é nossa parente, é irmã, é irmão, é mãe, e é nossa casa. Assim como nos dizem os povos indígenas. Francisco e Clara sentiam que a gente não está acima da criação, mas é parte dela. Como nos falou o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si*, nós queremos escutar o Evangelho da Criação: Deus fala com a gente através da natureza. Cada canto de passarinho, cada árvore, cada montanha, carrega um pouco da beleza divina.

São Francisco enxergava a natureza como um sinal vivo da presença de Deus. Como disse São Boaventura, ele via em cada planta, animal, pedra ou estrela um reflexo do Criador. Tudo o levava a louvar a Deus. Ao ver a beleza das coisas, lembrava-se do Deus Belíssimo. Ele caminhava pelo mundo como quem sobe uma escada, onde cada criatura era um degrau que o aproximava do Amor maior. (Legenda

Maior 9,1). Sentia no coração que toda a criação canta uma música divina, e por isso convidava tudo o que existe – como o rei Davi nos salmos – a louvar o Senhor. A grande expressão disso está viva no Cântico das Criaturas.

Hoje, essa mesma visão nos ajuda a quebrar a lógica de que a natureza só serve para ser usada e explorada. Ela nos ensina a olhar para a criação com respeito e carinho. Um olhar espiritual e ético que inspira, nos dias de hoje, a admitir os direitos da natureza: o reconhecimento de que ecossistemas e comunidades naturais têm o direito de existir, regenerar-se e florescer.

Por isso, precisamos reaprender a olhar com respeito e carinho para tudo que vive. Cuidar da Terra é cuidar da nossa fé, da nossa esperança, do nosso povo.

NÃO É SÓ REZAR, É TAMBÉM LUTAR: FÉ COM COMPROMISSO

A Peregrinação Francisclariana em Defesa da Casa Comum, é mais do que uma caminhada. É um grito de fé, de resistência e de anúncio. É pra dizer “não” às falsas soluções que querem continuar o mesmo sistema que destrói, só com uma roupagem “verde”. É pra dizer “sim” a um novo jeito de viver, mais simples, mais justo, mais cuidadoso com a vida.

Papa Francisco nos deixou um grande legado, o de Celebrar a Criação não só rezando, mas também denunciando a injustiça e anunciando uma vida nova, feita de relações cuidadosas, justiça social e equilíbrio e convivência amorosa com a natureza.

UM OUTRO JEITO DE VIVER JÁ ESTÁ NASCENDO

Tem muita gente resistindo, plantando sem veneno, vivendo em comunidade, dividindo o pouco que tem, cuidando da terra como quem cuida da mãe. Isso é luta, é cuidado, é fé. É resistência e também é anúncio: de que outro mundo é possível — e já está sendo construído nas periferias, nas comunidades, nos quilombos, nas aldeias, nas beiras de rio e nas quebradas.

Esse jeito novo de viver é mais simples, mais justo, mais solidário. Um jeito mais sóbrio, como dizia o Papa Francisco, ao falar em sobriedade feliz. A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário (LS 223). Não é consumo sem limite. É partilha. Não é exploração. É cuidado. É esse espírito que anima a luta em defesa da Casa Comum — com os pés no chão, com o coração aberto, com fé que se transforma em ação.

O QUE A GENTE DENUNCIA

- A falsa “economia verde” que só repinta de verde o velho sistema de exploração.
- A mercantilização da natureza, como os créditos de carbono, que permitem que os ricos sigam poluindo enquanto os pobres são empurrados para fora de seus territórios.
- A mineração que contamina, mata rios, destrói montanhas e comunidades.
- A transição energética feita sem o povo, que continua concentrando lucro e excluindo as periferias.
- A insistência na extração e uso de combustíveis fósseis, como o petróleo e gás, principais causadores do aquecimento global.
- A grilagem de terras, o agronegócio envenenando os alimentos, o desmatamento crescendo em nome do lucro.

- O aumento dos gastos com a indústria bélica que intensifica a lógica da violência sistêmica.
- A precarização das condições de trabalho vulnerabilizando especialmente jovens e mulheres.

O QUE A GENTE DEFENDE

- A vida em primeiro lugar: a natureza não é mercadoria. É dom de Deus.
- O reconhecimento dos direitos da natureza: rios, florestas, animais têm valor e dignidade intrínsecos.
- A valorização dos povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e comunidades tradicionais: eles são guardiões da Terra.
- A agroecologia e a soberania alimentar: reforma agrária, comida saudável, sem veneno, produzida com respeito.
- Cidades justas: com água limpa, saneamento, segurança, moradia, transporte, e dignidade para todos.
- Trabalho com segurança social: emprego digno, garantia de direitos, saúde e aposentadoria.
- Promoção de políticas de reparação e de geração de emprego e renda para migrantes e refugiados climáticos.
- Energia como direito: limpa, acessível, com controle popular e respeito ao meio ambiente.
- Justiça climática: que os países ricos e as grandes empresas poluidoras paguem a conta da crise que criaram.

A TERRA É NOSSA PARENTE

Inspirados em São Francisco, acreditamos que cada criatura tem sua dignidade. A Terra é nossa irmã, nosso chão, nosso sustento. Não é “recurso natural” — é vida, é beleza, é dom. Por isso, cuidar da Terra é um ato de fé, de amor e de justiça.

Quando [Francisco] encontrava muitas flores juntas, pregava para elas e as convidava a louvar o Senhor como se fossem racionais. Da mesma maneira, convidava com a mesma simplicidade os trigais e as vinhas, as pedras, os bosques, e tudo que há de bonito nos jardins, a terra e o fogo, o ar e o vento, para que tivessem muito amor e fossem generosamente prestativos. Afinal, chamava todas as criaturas de irmãs e de uma maneira especial, por ninguém experimentada, descobria os segredos do coração das criaturas, porque na verdade parecia já estar gozando a liberdade gloriosa dos filhos de Deus (1Cel 29,81).

TUDO ESTÁ CONECTADO

Como nos recordou o Papa Francisco: “tudo está interligado” (LS, 91). Cuidar da criação é também cuidar dos povos, do futuro e da fé. Por isso, marchamos, lutamos, denunciemos e anunciamos. Somos peregrinos da esperança. E não caminhamos sozinhos. Estamos ao lado dos pobres, dos pequenos, dos que esperam e acreditam num mundo novo — um mundo que já começou a nascer, e do qual fazemos parte.

Nesse caminho, acolhemos com esperança e firmeza as palavras do Papa Leão XIV, que nos inspira a redescobrir o compromisso crítico e transformador da fé:

“No contexto da revolução digital em curso, o mandato de educar para o senso crítico deve ser redescoberto, explicitado e cultivado, enfrentando as tentações contrárias, que podem atingir inclusive o corpo eclesial.

teses irracionais de poucos autoritários. Por isso, são fundamentais o aprofundamento e o estudo, assim como o encontro e a escuta dos pobres, que são um tesouro da Igreja e da humanidade, portadores de pontos de vista descartados, mas indispensáveis para ver o mundo com os olhos de Deus. Quem nasce e cresce longe dos centros de poder não deve ser apenas instruído na Doutrina Social da Igreja, mas reconhecido como seu continuador e atualizador: os testemunhos de compromisso social, os movimentos populares e as diversas organizações católicas de trabalhadores são expressões das periferias existenciais onde a esperança resiste e sempre volta a brotar. Recomendo-lhes que deem a palavra aos pobres.” (Papa Leão XIV, aos membros da Fundação Centesimus Annus Pro Pontifice – 17 de maio de 2025).

Com esta visão, acolhemos e animados pelo Papa Leão XIV, reafirmamos que em nossa **Peregrinação Francisclariana em Defesa da Casa Comum**, os pobres são verdadeiramente um tesouro da Igreja e da humanidade. São portadores de uma sabedoria que o sistema quer descartar, mas é essencial para enxergar a realidade com os olhos de Deus. E mais que destinatários, são protagonistas vivos e atualizadores da Doutrina Social da Igreja.

DIRETRIZES PRÁTICAS PARA A PEREGRINAÇÃO

A **Peregrinação em Defesa da Casa Comum** assume um papel central na celebração dos 800 anos do *Cântico das Criaturas*, propondo um itinerário simbólico e concreto que une as diferentes regionais em torno de um propósito comum. Cada regional será convidado a acolher um **Símbolo especialmente criado** para esta ocasião histórica.

Essa proposta se ancora na perspectiva profunda e ancestral da “peregrinação”, termo que tem origem no latim *per ager* — “através dos campos” — e *per eger* — “atravessar a fronteira”. Ambas as etimologias evocam não apenas o deslocamento físico, mas uma travessia existencial, cultural e espiritual. Peregrinar é deixar o lugar habitual, cruzar limites e se abrir à transformação pessoal e coletiva. É uma metáfora potente para o nosso tempo, em que se faz necessário transpor fronteiras de indiferença, exclusão e destruição ambiental em direção a uma nova relação com a criação e com os irmãos e irmãs da Casa Comum.

Por isso, essa peregrinação não se limita a um gesto devocional ou simbólico: ela se propõe como uma ação provocativa, mobilizadora e transformadora. Com uma dimensão tanto mística quanto política, ela convoca pessoas, comunidades, movimentos e redes a se articularem em eventos e ações que conjuguem escuta, denúncia, celebração e compromisso. Trata-se de um movimento com intencionalidade profética, capaz de gerar reflexão crítica, fortalecer vínculos e inspirar práticas concretas em defesa da vida em todas as suas formas.

Nas próximas páginas, acessaremos mais sobre a proposta metodológica para a realização da Peregrinação em cada território, respeitando as especificidades culturais, sociais e ambientais de cada regional.

SOBRE O ESTANDARTE E SÍMBOLO DA PEREGRINAÇÃO

O símbolo que acompanhará nossa peregrinação foi cuidadosamente elaborado para expressar a espiritualidade franciscariana e a essência do caminho que trilhamos juntos. Ele une arte, fé e missão, inspirando-nos a seguir os passos de Francisco e Clara de Assis diante de nosso contexto socioambiental desafiador.

SIGNIFICADO E MISSÃO

Este estandarte não é apenas um adorno visual, mas um ícone de peregrinação, que nos lembra o chamado de São Francisco à fraternidade universal e ao cuidado com a criação. Levar esse símbolo é assumir publicamente o desejo de ser instrumento de paz, reconciliação e esperança.

Desenho produzido por Frei Fábio Vasconcelos, OFM, da Custódia Franciscana São Benedito da Amazônia.



ELEMENTOS CENTRAIS

1. Tau Franciscano no centro

O coração do estandarte é o Tau, um sinal, descrito pelo profeta Ezequiel, para marcar os que buscam a verdade e a justiça. Símbolo profundamente ligado a São Francisco de Assis. Para ele, o Tau representava conversão, cruz, compromisso e missão. É o sinal da vida nova em Jesus Cristo, o "Projeto" com que o peregrino franciscano se identifica, na vivência cotidiana do Evangelho.

2. Francisco e Clara: promotores da peregrinação

Ao lado do Tau, figuram as imagens de São Francisco e Santa Clara, guias e promotores da nossa espiritualidade e missão. Suas mãos sustentam todo o cenário que permeia o Tau. Francisco e Clara são exemplos vivos de entrega, simplicidade, cuidado com a criação e amor incondicional a Deus e ao próximo.

3. Cântico das Criaturas como inspiração

O Cântico das Criaturas, escrito por São Francisco, é a inspiração poética e teológica do símbolo. Ele revela o olhar franciscano sobre a criação: não como recurso a ser explorado, mas como dom a ser cuidado e celebrado.

Moldura Poética

Contornando todo o desenho do estandarte, encontra-se a estrofe retirada do próprio Cântico das Criaturas:

"Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã nossa, a Mãe Terra
que nos sustenta e governa."

Essa frase envolve o símbolo como uma oração constante, lembrando-nos que a Terra é Mãe, nossa Casa Comum, que devemos respeitar os Direitos da Natureza. Ela reforça o compromisso ecológico e espiritual da nossa caminhada.

4. Representação das Logos

A presença das logos do Serviço Inter-franciscano de Justiça, Paz e Ecologia (SINFRAJUPE), da Conferência da Família Franciscana (CFFB) e da Cúpula dos Povos no estandarte reforça o caráter coletivo e articulado da peregrinação.

O **SINFRAJUPE** como espaço de serviço às agendas de defesa dos direitos e do cuidado com toda a criação, expressa o compromisso com uma espiritualidade engajada e transformadora.

A **CFFB** representa a unidade das diversas expressões franciscclarianas em torno de uma missão comum.

Já a **Cúpula dos Povos** simboliza a conexão desta caminhada com as lutas sociais, ambientais e populares contemporâneas das quais fazemos parte, ampliando o alcance da peregrinação como sinal de resistência, cuidado com a vida e esperança ativa.

PROPOSTA METODOLÓGICA

MODALIDADES DE AÇÕES LOCAIS-REGIONAIS

Pensar em ações para mobilizar a comunidade é importante, mas mais ainda é entender que essas propostas não precisam ser algo fechado, rígido, como uma receita única. O ideal é que funcionem como um “cardápio” de ideias – um conjunto de sugestões que podem ser escolhidas, adaptadas e combinadas conforme a realidade de cada lugar.

Cada localidade tem suas particularidades, e o que funciona bem em um território pode não funcionar em outro. Por isso, é essencial valorizar as iniciativas que já existem, reconhecer o que já está sendo feito e partir dessas forças locais. Muitas vezes, boas ideias e práticas já estão acontecendo, mesmo que de forma simples ou informal, e elas podem ser fortalecidas, ampliadas e conectadas com outras ações.

Nesse sentido, uma proposta que pode ser incorporada às ações apresentadas a seguir é a realização de um levantamento participativo das experiências existentes e das demandas relacionadas à mobilização de uma agenda de promoção e defesa da justiça socioambiental local. Essa iniciativa pode ser desenvolvida de maneira interativa, lúdica e até celebrativa, envolvendo a comunidade de forma criativa no reconhecimento do que já foi construído e na imaginação coletiva do que ainda pode ser feito (ou seja, reconhecer o que existe e o que poderia existir no campo da promoção e defesa socioambiental).

Ter esse leque de possibilidades ajuda as pessoas a decidirem juntas o que faz mais sentido, aumentando a autonomia, a participação e o envolvimento de todos. Além disso, se uma ação não der certo, outras alternativas do cardápio podem ser testadas. Essa forma mais aberta

e flexível também facilita o diálogo entre os diferentes grupos da comunidade e parceiros, permitindo que as ações cresçam e se transformem com o tempo.

Seguem algumas dicas de possíveis ações e seus objetivos.

CELEBRAÇÃO DE ACOLHIDA DO ESTANDARTE

OBJETIVO

Realizar uma celebração litúrgica, com sensibilidade ecumênica e inter-religiosa, com a participação da comunidade local, para acolhimento do Símbolo da Peregrinação, incluindo a apresentação da agenda de eventos e das mobilizações durante este período no território.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Uma celebração litúrgica em defesa da Casa Comum, inserida no contexto da fé cristã, unindo espiritualidade, oração comunitária e compromisso com a preservação da criação. Trata-se de um momento litúrgico que reconhece Deus como Criador, celebra a beleza e a bondade da natureza, denuncia os pecados ecológicos e renova o chamado à conversão ecológica, em consonância com a Encíclica Laudato Sí, do Papa Francisco.

Essa celebração pode acontecer dentro da missa (como uma missa temática) ou fora dela, como uma liturgia da Palavra, vigília ou momento orante. Seus elementos – orações, leituras bíblicas, salmos, preces, hinos e gestos simbólicos – são escolhidos de forma a despertar o senso de gratidão pela criação e o compromisso com a justiça ambiental e social.

A celebração litúrgica em defesa da Casa Comum não é apenas um rito, mas um apelo à conversão profunda: convida os fiéis a reverem seu estilo de vida, suas relações com o próximo e com a natureza, e a se engajarem na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Um grito profético ecoando o clamor da Terra e dos Pobres.

RESUMO E DICAS

Idealmente, uma celebração litúrgica em defesa da Casa Comum procura incluir:

- Acolhida consciente e integradora, que situe a celebração no contexto da ecologia integral;
- Ritos simbólicos, como o uso de elementos naturais (água, terra, plantas, luz solar) que expressem comunhão com a natureza;
- Leituras bíblicas que falem da criação, do cuidado com a vida e da responsabilidade humana;
- Homilia ou reflexão que conecte a fé com os desafios ecológicos atuais;
- Preces comunitárias que incluam o clamor pela justiça ambiental e pelos povos afetados pela degradação da natureza.

ENCONTRO DOS POVOS LOCAIS

OBJETIVO

O objetivo é ouvir a realidade das pessoas, valorizar e compartilhar diferentes tipos de conhecimento — científico, popular, espiritual e ancestral — e pensar coletivamente em soluções para questões como enchentes, poluição, descarte de lixo, desmatamento, falta de água e insegurança alimentar e outros.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Em novembro de 2025, a cidade de Belém do Pará será palco de dois importantes eventos voltados para o clima e o meio ambiente. De um lado, acontecerá a COP 30, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, que reunirá representantes de governos do mundo inteiro para discutir formas de enfrentar a crise climática. Paralelamente, será realizada a Cúpula dos Povos, um encontro autônomo promovido por movimentos sociais, com o objetivo de construir uma agenda ambiental justa, popular e inclusiva, baseada nos saberes e nas lutas dos povos e territórios.

Inspirados por essa proposta, propõe-se a organização de **Encontros dos Povos Locais**, espaços comunitários de diálogo, escuta e mobilização. A ideia é refletir sobre os problemas ambientais vividos em cada território e promover ações concretas em defesa da vida e da justiça socioambiental. Esses encontros podem acontecer em forma de rodas de conversa, oficinas, mutirões, feiras, celebrações ou seminários, envolvendo moradores, escolas, movimentos sociais, igrejas, universidades e lideranças locais.

Podem participar crianças, jovens, mulheres, povos tradicionais, lideranças comunitárias, educadores, religiosos, estudantes e todos que se preocupam com o cuidado da vida e da casa comum. Essa iniciativa se inspira na encíclica *Laudato Sí*, do Papa Francisco, que

propõe uma ecologia integral, integrando o cuidado com a natureza, a justiça social e a espiritualidade.

Além disso, os Encontros dos Povos Locais podem se articular com redes maiores, como o Movimento Laudato Sí, as pastorais sociais e diversas organizações populares, fortalecendo alianças em favor de um novo modo de viver e de se relacionar com o planeta.

RESUMO E DICAS

- Crie espaços acolhedores onde todos possam falar e ser ouvidos.
- Priorize quem vive diretamente os impactos ambientais, como povos tradicionais, mulheres e comunidades periféricas.
- Pense juntos e realize ações práticas no território (mutirões, hortas, campanhas, mobilizações).
- Envolver escolas, igrejas, movimentos, associações e lideranças comunitárias.
- Reconheça os saberes populares, espirituais e culturais como forças para o cuidado com a vida e o planeta.

GESTOS CONCRETOS

OBJETIVO

Promover a vivência de ações diretas de cuidado e mobilização tais como de coleta de lixo, reciclagem, compostagem, plantio de árvores, criação de hortas comunitárias e áreas de preservação, limpeza de córregos, rios, visita e apoio à grupos organizados frente a promoção e defesa da justiça socioambiental.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

A mobilização comunitária é uma ferramenta poderosa para transformar a realidade e cuidar da casa comum. Quando o povo se junta, a mudança acontece de verdade. Um exemplo disso são os mutirões ecológicos, onde os moradores organizam a limpeza de ruas, praças, terrenos abandonados ou margens de rios. Também mutirão para ações solidárias, que respondam a falta de alimentação, de moradia e de direitos básicos. Essas ações melhoram a convivência, dão outro rosto ao bairro e mostram que ninguém precisa esperar pelos outros para começar a cuidar do que é de todos.

Também é possível reunir a comunidade para plantar árvores, cuidar de jardins públicos ou montar hortas coletivas em escolas, terrenos baldios ou associações de moradores. Além de deixar o ambiente mais bonito e fresco, essas iniciativas fortalecem a união e podem até ajudar na alimentação de famílias da região. Criar caminhadas e passeios educativos por áreas verdes ou nascentes próximas também ajuda as pessoas a conhecerem melhor o território onde vivem e a perceberem sua importância. Como “tudo é interligado”, as ações são sempre socioambientais, com atenção aos empobrecidos, os que são afetados por calor intenso, enchentes, áreas de risco, entre outros fatores, buscando alimentação, saúde e educação de qualidade, mobilidade e moradia digna.

Outro caminho é promover rodas de conversa, oficinas práticas e encontros populares para trocar ideias, ensinar técnicas simples de reaproveitamento de materiais, captação de água da chuva, cuidados com o lixo ou formas de economizar luz e água no dia a dia, bem como participação em conselhos, reivindicação na prefeitura ou ações diversas de promoção humana. É importante fazer isso em espaços acessíveis, como igrejas, centros comunitários, escolas ou até na rua, para alcançar o maior número de pessoas possível.

A organização de feiras de troca, bazar solidário ou campanhas de doação também fortalece os laços entre vizinhos. Nessas ações, roupas, livros, brinquedos, móveis ou utensílios que não servem mais para uns ganham novo valor nas mãos de outros, sem a necessidade de gastar dinheiro. Grupos podem ainda promover recolhimento de óleo de cozinha usado, materiais eletrônicos ou pilhas, evitando que esses resíduos acabem em locais errados e prejudiquem o meio ambiente, bem como valorizar e apoiar o serviço dos catadores e pessoas em trabalhos informais.

Com as crianças e os jovens, é possível organizar gincanas, concursos de arte, teatro de rua, cinema ao ar livre e atividades nas escolas que abordem, de forma criativa e divertida, a importância do cuidado com a natureza, com a água, com os animais com o lixo e com a vida em geral. São ações que despertam o senso de responsabilidade desde cedo e envolvem também as famílias.

É importante lembrar que toda ação de mobilização também é um momento de formação. Quando o povo se reúne para agir, também aprende, troca saberes, fortalece vínculos e toma consciência do seu papel na transformação da realidade. Cada mutirão, cada horta, cada ação solidária, cada oficina ou feira é também um espaço de aprendizado coletivo, onde se constrói conhecimento com base na experiência e na vivência.

RESUMO E DICAS

- Organização de mutirões ecológicos para limpeza de ruas, praças, terrenos e margens de rios.
- Incentivo ao plantio de árvores e cuidado com jardins e hortas coletivas em escolas, terrenos baldios ou associações.
- Atenção e apoio aos empobrecidos, os que são afetados por calor intenso, enchentes, áreas de risco, entre outros fatores, buscando alimentação, saúde e educação de qualidade, mobilidade e moradia digna.
- Promoção de caminhadas e passeios educativos por áreas verdes e nascentes para valorizar o território local.
- Participação em conselhos, reivindicação na prefeitura ou ações diversas de promoção humana
- Realização de rodas de conversa, oficinas e encontros populares sobre temas como reaproveitamento de materiais, economia de água e energia, captação de chuva, cuidados com o lixo e as várias formas de solidariedade e cuidado.
- Utilização de espaços acessíveis, como igrejas, centros comunitários e escolas, para alcançar mais pessoas.
- Criação de feiras de troca, bazares solidários e campanhas de doação para estimular o consumo consciente e a solidariedade entre vizinhos.
- Coleta de resíduos como óleo de cozinha, pilhas e eletrônicos para evitar danos ao meio ambiente.
- Organização de atividades criativas com crianças e jovens, como gincanas, concursos de arte, teatro de rua e cinema ao ar livre, com temas ligados ao meio ambiente e a promoção da vida digna.
- Envolvimento das famílias em ações educativas e lúdicas que despertem a responsabilidade socioambiental desde cedo.
- Valorização da mobilização comunitária como espaço de aprendizado, troca de saberes e fortalecimento de vínculos sociais.

INCIDÊNCIA POLÍTICA

OBJETIVO

Mobilizar Ações junto às autoridades políticas (parlamentares, judiciário e executivos) a fim de sensibilizar frente ao tema e instigar para propostas efetivas de políticas públicas

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

As ações de incidência política em defesa da casa comum são estratégias desenvolvidas por sujeitos sociais, organizações da sociedade civil, igrejas e movimentos sociais com o objetivo de influenciar políticas públicas e decisões institucionais em favor da justiça socioambiental por meio da abordagem dos temas: questão de gênero; equidade racial; direitos à água, moradia, saúde, educação; combate a violência contra a mulher; lésbicas, gays, bissexual, trans (LGBTs); pessoa em situação de rua; deficientes; população negra; migrantes; indígenas; tráfico de pessoas além da sustentabilidade e do reconhecimento do direito à natureza. Inspiradas por princípios como os da ecologia integral, especialmente promovidos na Encíclica Laudato Sí, essas ações buscam proteger o meio ambiente, os povos tradicionais, população de baixa renda, periféricos e promover o bem comum.

O direito à natureza nos convida a enxergar a Terra não apenas como algo que usamos, mas como um ser vivo que também tem direitos. Isso significa reconhecer que rios, florestas, animais e todos os elementos da natureza, incluindo as pessoas, têm o direito de existir, se recuperar e continuar cumprindo seu papel no equilíbrio do planeta e da sociedade. Essa ideia propõe uma mudança importante na forma como nos relacionamos com o meio ambiente, passando de uma visão centrada apenas nos interesses humanos para uma forma de pensar que valoriza todos os seres vivos. Em alguns países, como o Equador e a Bolívia, esse direito já está presente nas leis, mostrando que é

possível proteger a natureza como um sujeito de direitos. Essa compreensão está muito próxima do que a encíclica Laudato Sí chama de ecologia integral: uma forma de cuidar da casa comum que respeita a vida em todas as suas formas e reconhece a conexão profunda entre os seres humanos e os outros seres.

Entre essas ações, destacam-se a mobilização popular e a participação cidadã em processos decisórios, como audiências públicas, conselhos municipais de meio ambiente e campanhas de pressão política junto a parlamentares para aprovação ou rejeição de projetos de lei que afetam diretamente o equilíbrio ambiental, os direitos humanos e o direito da própria natureza de existir, regenerar-se e manter seus ciclos vitais.

Além disso, a produção de abaixo-assinados e manifestações públicas são formas legítimas de expressar o posicionamento da sociedade civil. A educação e a conscientização pública também são fundamentais nesse processo. Realizar, integrar e participar de seminários, rodas de conversa, debates e a divulgação de materiais educativos ajuda a formar uma cidadania ambiental crítica e engajada. A atuação nas escolas e universidades, com a inserção de temas como mudanças climáticas, justiça ambiental, políticas públicas (questão de gênero; equidade racial; direitos à água, moradia, saúde, educação; combate a violência contra a mulher; lésbicas, gays, bissexual, trans (LGBTs); pessoa em situação de rua; deficientes; população negra; migrantes; indígenas; tráfico de pessoas) e os direitos da natureza, fortalece o diálogo, a apropriação da informação e o protagonismo das crianças, jovens, adultos além de todos os profissionais envolvidos na instituição na construção de uma sociedade fraterna e justa.

Desenvolver ações junto às autoridades políticas (parlamentares, judiciário e executivos) a fim de sensibilizar frente aos temas e instigar para propostas efetivas de políticas públicas neste âmbito.

Outro eixo importante da incidência política é a articulação institucional e inter-religiosa. Igrejas, movimentos ecumênicos e organizações sociais podem elaborar cartas públicas, manifestos e notas técnicas para pressionar o poder público e sensibilizar a população. Também é essencial a participação ativa em consultas públicas e na elaboração de políticas locais, como os Planos Diretores Municipais, defendendo não apenas os direitos humanos, mas também os direitos da natureza como sujeito de dignidade jurídica.

A defesa dos direitos dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais é uma ação prioritária, especialmente no que se refere à proteção de seus territórios e modos de vida. Isso envolve denunciar violações, apoiar juridicamente essas comunidades e combater práticas como o desmatamento ilegal, a grilagem e a mineração predatória, que violam tanto os direitos dessas populações quanto os da própria natureza.

Por fim, a articulação em redes e movimentos amplia o alcance dessas ações. Participar de fóruns socioambientais, campanhas nacionais como o Campanha da Fraternidade, Grito dos Excluídos, a Semana Laudato Si, Semana do Meio Ambiente ou o Tempo da Criação, Jornada Mundial dos Pobres, Semana dos Direitos Humanos; Faça Bonito; Semana do Migrante permite unir forças, compartilhar experiências e pressionar por mudanças estruturais. Assim, a incidência política em defesa da casa comum se concretiza como um ato de cidadania ativa, amor ao planeta, solidariedade com os mais vulneráveis e reconhecimento de que a natureza também possui direitos que precisam ser respeitados e protegidos.

RESUMO E DICAS

- Participar de audiências públicas e conselhos municipais.
- Organizar ou apoiar campanhas de pressão política junto a parlamentares.
- Promover e assinar abaixo-assinados sobre temas socioambientais (Mulher; Crianças; Indígenas; Negros; Deficientes; LGBTQIAPN+; População em Situação de Rua).
- Realizar rodas de conversa, palestras, seminários e debates sobre justiça, reparação e promoção de atitudes práticas junto ao meio ambiente.
- Produzir e divulgar materiais educativos sobre ecologia integral, sustentabilidade, educação ambiental, mudança de comportamento.
- Incentivar a inclusão de debate dos temas ambientais e sociais no currículo escolar e universitário.
- Engajar as juventudes em projetos ambientais e de participação cidadã.
- Redigir e divulgar cartas públicas, manifestos e notas técnicas em nome de organizações ou comunidades religiosas.
- Participar de consultas públicas e contribuir na formulação de políticas locais como Planos Diretores.
- Denunciar violações de direitos de povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, migrantes, mulheres, deficientes, negros, LGBTs.
- Apoiar comunidades afetadas por desmatamento, grilagem ou mineração predatória.
- Articular-se com redes e movimentos sociais para ampliar o impacto das ações.
- Somar em campanhas e eventos como o Grito dos Excluídos, a Semana do Meio Ambiente e o Tempo da Criação.

CAMINHADA PEREGRINA

OBJETIVO

Realizar uma caminhada com visibilidade e participação da população, com atividades de reflexão, intervenções e expressões culturais, visando a sensibilização ampla do território.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

A Caminhada Peregrina em Defesa da Casa Comum é mais do que um simples percurso a pé — é uma expressão de fé, compromisso comunitário e cuidado com a criação. Inspirados pela encíclica *Laudato Sí*, do Papa Francisco, reconhecemos que tudo está interligado: o cuidado com a natureza, a justiça socioambiental e a espiritualidade. Caminhar juntos é uma forma de testemunhar nossa responsabilidade com o planeta e com os mais vulneráveis, que sofrem as consequências da degradação ambiental.

Organizar uma caminhada peregrina é também um exercício de comunhão e partilha. O primeiro passo é formar uma equipe de articulação, envolvendo representantes de comunidades, pastorais, movimentos sociais, escolas e grupos locais. É importante definir um roteiro acessível, seguro e simbólico — pode ser um trajeto entre comunidades, margens de rios, áreas de preservação, áreas com impactos negativos ao meio ambiente, ou locais marcados por conflitos sócio ambientais.

A preparação, que pode ser através de atividades, como uma roda de conversa, seminário, aproximação de realidades de conflitos, deve incluir momentos de espiritualidade, escolha de temas para reflexão ao longo do caminho (como água, terra, biodiversidade, justiça socioambiental, denúncias, anúncios, resgate das histórias e ancestralidades), além da produção de cartazes, faixas e cantos que expressem o sentido da caminhada. A liturgia e a oração devem estar

presentes em todo o percurso, com paradas chamadas “estações”, onde podem ocorrer encenações, depoimentos ou leitura de trechos da Laudato Sí.

É fundamental garantir o apoio logístico: água, primeiros socorros, acolhida nos pontos de parada e comunicação clara com a população. Também é importante convidar a imprensa local e divulgar nas redes sociais para que mais pessoas conheçam a causa e se envolvam.

Durante a caminhada, cada passo é uma prece, cada voz um clamor pela vida. Caminhar em defesa da Casa Comum é reafirmar que o planeta é dom de Deus e que temos a missão de cuidá-lo com responsabilidade, solidariedade e amor. Ao final do percurso, é recomendável encerrar com uma celebração comunitária, plantio simbólico de árvores, gestos de solidariedade, apoio a comunidades ou elaboração de uma carta-compromisso.

Que esta peregrinação transforme corações, fortaleça comunidades e inspire novas ações concretas em favor da ecologia integral. Caminhar juntos é construir, desde agora, um futuro mais justo para todos.

RESUMO E DICAS

- Definir o objetivo da caminhada: expressão de fé, compromisso comunitário e cuidado com a criação (inspirado na Laudato Sí).
- Formar uma equipe de articulação com representantes de comunidades, pastorais, movimentos sociais, escolas e grupos locais.
- Elaborar um roteiro acessível, seguro e simbólico (ex: entre comunidades, margens de rios, áreas de preservação, locais com conflitos socioambientais).
- Planejar momentos de espiritualidade ao longo do percurso.
- Selecionar temas de reflexão (ex.: água, terra, biodiversidade, justiça social).
- Produzir materiais visuais e musicais: cartazes, faixas, cantos.
- Organizar “estações” no trajeto com leituras da Laudato Sí, encenações e depoimentos.
- Garantir apoio logístico: água, primeiros socorros, acolhida nos pontos de parada, comunicação com a população.
- Convidar a imprensa local e divulgar nas redes sociais para ampliar o alcance da iniciativa.
- Encerrar com uma celebração comunitária, plantio simbólico de árvores, gestos de solidariedade, apoio a comunidades e elaboração de uma carta-compromisso.
- Reforçar o sentido da caminhada como gesto de fé, solidariedade e responsabilidade socioambiental.

CONCLUSÃO

UM CHAMADO À CAMINHADA PELA VIDA E PELA CRIAÇÃO

A celebração dos 800 anos do Cântico das Criaturas e a celebração da Páscoa de São Francisco, passando pelo Capítulo das Esteiras, são marcos dos centenários franciscanos. São, sobretudo, um convite à conversão ecológica, à fraternidade universal, ao compromisso efetivo com a Casa Comum, buscando superar uma economia de morte para um mundo marcado pela vida plena e justiça integral. Em tempos de crises, ambiental, socioeconômica, humanitária e ameaça à biodiversidade, a espiritualidade franciscariana ressoa como um sopro de esperança e ação concreta.

A peregrinação em defesa da Casa Comum se apresenta como símbolo e prática viva desta espiritualidade. É uma expressão profética aos gritos da Terra e dos Pobres, um gesto que une fé, fraternidade e transformação social. Ao seguir os passos de Francisco e Clara, cada pessoa peregrina se torna sinal de um novo modo de se relacionar com o mundo: com simplicidade, gratidão, cuidado e responsabilidade.

Mais do que caminhar fisicamente, e propor ações pontuais de mobilização, somos chamados a desinstalar-nos, abrir os ouvidos e o coração, reconhecer a sacralidade de cada ser criado e renovar nosso pacto com tudo o que existe. As ações propostas – celebrações litúrgicas, encontros comunitários, gestos concretos de cuidado, incidência política e caminhada peregrina – são expressões de um mesmo espírito: o de promover a sensibilização de pessoas e grupos, para que sejam atuantes e comprometidas com a justiça socioambiental.

Esta jornada não é feita sozinha. A força está na coletividade, na valorização das iniciativas locais, na escuta mútua e na articulação com redes mais amplas. Cada território pode – e deve – encontrar seus próprios caminhos, respeitando suas realidades e fortalecendo seus potenciais.

Que a Peregrinação não termine como um evento alcançado, mas se prolongue como prioridade e como compromisso constante de Justiça, Paz e Ecologia. Que nossas ações se tornem sementes de um mundo mais justo, fraterno e protegido. Que, como Francisco, possamos cantar com a criação – e por ela – em cada gesto de cuidado, em cada escolha consciente, em cada mobilização em defesa da vida. Que assim seja!

Ação Franciscariana em Defesa da Casa Comum



@SINFRAJUPE.OFICIAL